

NOTICIÁRIO

NECROLÓGIO

Professor Aluizio de Faria Coimbra

(1903-1951)

Aos 24 de julho último faleceu repentinamente no Rio de Janeiro, onde se encontrava em visita a pessoas da sua família, o Professor Aluizio de Faria Coimbra que, desde 1942, regia a Cadeira de Língua e Literatura Grega da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Natural de Recife, fez em sua cidade natal os estudos secundários e lá se formou brilhantemente em 1925 pela Faculdade de Direito. Transferindo-se mais tarde para São Paulo, matriculou-se no curso de Letras Clássicas da nossa Faculdade, onde se graduou em dezembro de 1940, com distinção em todas as cadeiras. Coursou em 1941 a secção de Didática, licenciando-se então em Letras Clássicas e Português.

Convidado simultaneamente pelos professores estrangeiros das cadeiras de Latim e de Grego para servir como assistente, optou pela segunda.

Em 1942, com a partida do Professor Vitorio De Falco para a Itália, ficou à frente da cátedra de Grego, cargo esse que desempenhou magistralmente até o fim.

Como escritor de ficção distinguiu-se em algumas obras da mocidade.

Sua paixão dominante, porém, eram os estudos morfológicos. Sobre esse assunto publicou vários opúsculos de grande valor, que mereceram os mais altos elogios dos filólogos nacionais e estrangeiros.

Professor dos mais dedicados, dizia-nos sempre: "Venho todos os dias à Faculdade com o encantamento de um adolescente que vai à sua primeira festa". E era sincero nessa sua afirmativa. Nunca, em classe, o vimos indiferente ou desalentado. Ao contrário. Seu bom humor era perene e seu entusiasmo pelas letras clássicas animador e comunicativo. Tolerante e humano em suas atitudes, doia-lhe como uma injustiça o ter de reprovar alguém. Quando assim era forçado a proceder, tinha sempre para o aluno uma palavra de carinho, de conforto, de estímulo. Compreensivo em extremo, nunca lhe faltou simpatia para todo o esforço sincero. Os discípulos tinham nele um amigo e um orientador. Eu, mais do que os outros. Devia-lhe muito, não só do ponto de vista cultural, mas ainda por me haver dado uma oportunidade de trabalhar, de me sentir assim, de certo modo, útil à coletividade.

Sua sede de saber não conhecia limites. Lia constantemente, interessando-se pelos mais diversos assuntos. Dotado de prodigiosa memória, citava de cor páginas inteiras dos autores de sua predileção, entre os quais figuravam, em primeiro plano, Homero, Safo, Mimnermo, Horácio, Virgílio, Shakespeare, Racine, Goethe, Rui Barbosa, Euclides da Cunha e Bilac.

Como em geral acontece com os filhos do Norte, possuía grande facilidade de expressão. As pessoas têm, quase todas, duas línguas: uma falada e outra escrita. O Professor Aluizio Coimbra, não. Quer se dirigisse ao mais brilhante dos intelectuais ou ao mais obscuro dos funcionários, sua linguagem era sempre castiça, rica, elegante, colorida, o que constituía eterno motivo de admiração dos seus amigos e alunos. Amava a vida em todas as suas manifestações e dava valor a tudo. Da minha viagem à Grécia, trouxe-lhe duas pequeninas lembranças que ele recebeu com carinho e veneração como se fossem reliquias: um galho de oliveira do Vale Sagrado de Delfos e um fragmento de mármore da Acrópole de Atenas.

Apesar dos revezes sofridos e da grave afecção cardíaca que o devia vitimar tão cedo, dava a todos que com ele privavam a impressão de uma pessoa feliz e sadia.

A última vez que o vi foi na véspera da sua partida para Recife, em fins de junho. Encontramo-nos no saguão da Faculdade, onde lhe entreguei as cartas de apresentação que pedira para os meus professores da Sorbonne. Estava, nessa tarde, exuberante, comunicativo — o que era raro, em virtude de seu caráter em geral polido e reservado. Só falamos da França e da viagem que ele pretendia fazer à Europa assim que regressasse da sua terra natal. Não efetuou essa viagem, mas outra, da qual "no traveller returns".

Como acertadamente escreveu um dos seus mais devotados amigos, "viveu para a Família e para a Escola e por elas morreu docemente". Sim. Docemente, porque sem sofrimentos e em paz com sua consciência de católico fervoroso e praticante.

Desapareceu aos 48 anos, em plena maturidade, na "akmê" helênica da sua fulgurante inteligência, do seu espírito privilegiado, quando a Universidade de São Paulo muito esperava ainda da sua cultura, do seu amor ao estudo, da sua dedicação ao trabalho. Ao traçar o necrológico de Eça de Queiroz, citando Menandro, dizia Machado de Assis que a Antiguidade se consolava dos que morriam cedo, considerando que era a sorte daqueles a quem os deuses amavam. Quando a morte encontra um Goethe ou um Voltaire, parece que esses grandes homens, na idade extrema a que chegaram, precisassem entrar na eternidade e no infinito, sem nada mais dever à terra que os ouviu e admirou. Onde ela é sem compensação é no ponto da vida em que o engenho, subido ao grau sumo, tem ainda muito que dar e perfazer".

Tal foi o caso do Professor Aluizio Coimbra: morreu sem ter realizado as aspirações máximas da sua carreira universitária: não chegou a defender a tese cuidadosamente preparada; não visitou a Grécia que sua alma helênica tanto amava; não se avistou com os Mestres franceses cujos nomes murmurava com respeito religioso: Dain, Flacelière, Séchan, Chantraine, Plassart, Bataille, Allard, Amandry, Defradas, Fernand Robert... Morreu cedo, mas em compensação não conheceu "o horror da decadência", deixando nesta Faculdade uma tradição de elegância moral, de cultura, de dedicação ao estudo, que servirá de exemplo e de modelo às gerações vindouras.

HILDA PENTEADO DE BARROS.

Professor Otoniel Mota

(1878-1951)

Faleceu a 14 de agosto o prof. Otoniel Mota, que foi professor da Cadeira de Filologia Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo de 1936 a 1939. A morte do eminente sábio e educador representa uma perda irreparável para a cultura brasileira.

Nascido em Porto Feliz, neste Estado, aos 16 de abril de 1878, descendia de tradicional família paulista.

Após os estudos secundários, feitos no Curso Anexo da Faculdade de Direito, diplomou-se no Seminário Presbiteriano, sendo ordenado para o ministério evangélico em 1910. Durante 50 anos foi ali um batalhador incansável de todas as causas nobres e humanas, servindo como pastor e como professor de Exegese e Arqueologia Bíblica.

Dedicando-se com amor aos estudos de filologia portuguesa — campo que há 50 anos apenas se começava a devassar entre nós —, tornou-se um dos mestres mais acatados nessa matéria, gozando de alta reputação no país e no estrangeiro.